

Recepção da Obra de Milton em Portugal – Algumas Acheugas (II)

Jorge Bastos da Silva
(FLUP/CETAPS)

Dando continuidade a um levantamento de dados de relevo para o conhecimento da recepção tradutiva, crítica e criativa da obra de John Milton em Portugal,¹ este artigo concentra-se em dois episódios do século XIX e dois outros situados no século XX. Em primeiro lugar, aborda um artigo de José Maria de Andrade Ferreira sobre Júlio Dinis que compara a fortuna crítica do romancista à de Milton. Como que a este pretexto, a secção seguinte identifica algumas referências esparsas a Milton na obra do mesmo Júlio Dinis. As duas derradeiras vinhetas dizem respeito a empresas de divulgação da obra do autor puritano, respectivamente, por David Mourão-Ferreira, em programas televisivos nos quais mostrou relutância em reconhecer à obra de Milton alguns traços de grandeza, e por Irene de Albuquerque, que se encarregou de fazer chegar ao leitor português um volume de apresentação do poeta ao público não-especializado, volume esse que é oriundo de Itália.

1. O primeiro artigo desta série foi publicado na *Revista de Estudos Anglo-Portugueses/Journal of Anglo-Portuguese Studies*, n.º 32 (2023), a pp. 55-71.

1. José Maria de Andrade Ferreira a Propósito da Fortuna da Obra de Júlio Dinis

Recuperando ensaios de diversas proveniências para o primeiro volume da sua colectânea *Litteratura, Musica e Bellas-Artes*, em 1872, José Maria de Andrade Ferreira reproduziu e aditou um artigo intitulado “Joaquim Guilherme Gomes Coelho”, saído inicialmente em 1868 nas colunas do periodismo. Nesse artigo, começa por estabelecer um paralelismo entre a fortuna crítica do primeiro romance de Júlio Dinis e a história da canonização de *Paradise Lost*, reconhecendo nesta o papel determinante de Joseph Addison. O artigo abre com os parágrafos seguintes:

O modo porque foi apreciado entre nós o livro das *Pupillas do sr. Reitor* recorda o succedido em Inglaterra com o *Paraiso Perdido*. Foi já cego, e do seio das amarguras de um retiro obscuro, onde vivia ignorado e pobre, que Milton offereceu á publicidade o seu poema, cuja idéa fundamental lhe despertára uma viagem em Italia. O grande poeta só encontrou um editor, que lhe deu apenas trinta libras esterlinas pela sua obra, e o publico acolheu-a desfavoravelmente. Milton falleceu, passados tempos, levando de certo comsigo para a sepultura a triste idéa do pouco aprêço dado a uma producção tão laboriosa e largamente concebida.

Decorreram, porém, vinte annos, e um famoso artigo no *Spectateur* [sic], escripto por Addison, proclamou á nação ingleza o grande genio do cantor do *Paraiso Perdido* e a maravilha d’aquella obra. Addison era critico eminente e homem de estado distincto, duas grandes forças que não podiam deixar de influir no animo do povo inglez. E influiram, porque foi então que a Inglaterra acreditou, que Milton era um prodigioso talento poetico, e o *Paraiso Perdido* um poema notavel.

Até ahi não tinha dado por tal. Necessitou que a voz de um litterato illustre, ou antes a auctoridade de um ministro de estado lhe explicasse e exaltasse aquelle merecimento, para depois o comprehender e se ufanar com elle. De sorte que se pôde bem affirmar, que a celebridade do *Paraiso Perdido*, não foi *acceita*, mas *decretada*.

Triste sina do poeta, cuja obra seria sepultada e esquecida com elle, se não viesse uma grande competencia critica bradar ás turbas: – Admiraes este monumento litterario! Orgulhae-vos com elle, povo inglez, que será o vosso poema immortal, e uma das nossas glorias nacionaes! (134-135)

Andrade Ferreira acrescenta um pouco mais adiante, sintetizando a proposta correlação entre Milton e Júlio Dinis:

Aqui temos pois a historia do *Paraiso Perdido*, de algum modo repetida entre nós. Mas, sobre tudo, com a importante differença de que Milton foi para a cova com a angustiosa convicção de que o seu poema havia perecido antes d'elle, e o auctor das *Pupillas do sr. Reitor* teve occasião de se convencer que a timidez do pseudonymo que adoptára fôra uma injustiça feita ao decernimento e bom gosto dos leitores. (135)

Estes trechos suscitam algumas considerações, seja porque difficilmente se pode tomar como precisas algumas das afirmações que contêm, seja porque ali se encontram dados sintomáticos da feição que assumiu a recepção da obra de Milton entre nós no século de Oitocentos. Observemos, pois, sucintamente:

(a) corria a ideia de que Milton teve um final de vida amargurado, de abandono, ingratidão e penúria. Vimos nestas páginas que a veiculam José Agostinho de Macedo e Francisco António Martins Bastos. É uma ideia que, julgamos, se prende com uma certa romantização da figura do vate, que aliás abrange outros autores (Camões sem receber a tença, reduzido à caridade do jau, Chatterton a suicidar-se devido à incompreensão dos contemporâneos); e não deixa de ter cabimento lembrar que a própria poesia miltoniana inclui passos que declaram viver o autor dias obscuros (veja-se a invocação de Urânia no intróito do Livro VII). No entanto, que *Paradise Lost* fosse remunerado pelo editor – ser pago pela publicação de um manuscrito não era dado adquirido à época – e que Milton tivesse a possibilidade de publicar uma segunda edição revista e ampliada da sua obra maior não são factos despidiendos a este propósito;

(b) Andrade Ferreira interessa-se sobremaneira pelo processo de canonização de Milton, creditado a Addison como seu grande catalisador, mas descarta a apreciação do teor e do mérito intrínseco da obra (de resto, não refere qualquer escrito de Milton que não *Paradise Lost*). De qualquer maneira, o leitor, se se dispuser a fazer tal exercício de inferência, pode entrever um juízo que reflecte tacitamente sobre a cultura literária da época de Milton (ou de Addison?) nas palavras que lamentam o facto de “[a] curiosidade dos leitores, hoje, procura[r] assumptos extraordinarios, inculcados por titulos espectaculosos, e recua[r] desalentada diante de qualquer historia que lhe pareça longa, ou suspeite não possuir o atractivo das coisas imprevistas” (*ibidem*);

(c) diz, e bem, o crítico que Addison desempenhou um papel de relevo na entronização de *Paradise Lost*, mas não escapa ao engano de mencionar *The Spectator* com o título em francês e de situar os ensaios de Addison (vários, não um apenas) numa data que não corresponde à realidade: “vinte annos” depois da publicação do poema corresponderia a 1687, “vinte annos” depois da segunda edição – e da morte de Milton – corresponderia a 1694, quando, de facto, o ciclo de ensaios de interpretação e apologia da obra do poeta publicados por Addison no *Spectator* surgiu entre Janeiro e Maio de 1712.² Neste ponto, o texto de Andrade Ferreira destoa da tónica de outros miltonianos portugueses dos séculos XVIII e XIX, que tiveram menos interesse pelo “ministro de estado” – cargo que, na verdade, Addison nunca desempenhou – e incorporaram os ensaios de Addison no aparato crítico das suas traduções da poesia narrativa de Milton, disponibilizando ao leitor o argumentário do crítico augustano;

(d) não entrando na substância da discussão crítica, Andrade Ferreira, de modo semelhante, evita qualquer eventual controvérsia (ou porventura ignora-a) relacionada com os alinhamentos ideológicos ou sectários que marcaram a vida do autor e, até certo ponto, a sua fortuna póstuma.

2. Foram dezoito artigos publicados semanalmente – seis de carácter geral e doze a incidir sobre cada um dos doze Livros de *Paradise Lost* – entre os números 267 e 369 (*vd.* Shawcross, vol. I, 147-220).

Que o autor português se mostre imperfeitamente informado acerca de matérias britânicas dever-se-á, presumivelmente, a ter confiado em mediadores pouco rigorosos. Ler o *Spectator* em francês não era invulgar na Europa Continental, mas comportava o risco de deformações e desinformações. A falta de contacto directo e aprofundado com fontes britânicas explica porventura que, noutros passos do seu ensaio, Andrade Ferreira enverede por caminhos de leitura que podem causar alguma estranheza. Notemos, acessoriamente ao nosso enfoque na recepção de Milton, que a obra de Júlio Dinis desperta ao crítico um reparo segundo o qual a Inglaterra apresenta “formosos e naturalísimos modêlos” de clérigos:

Uma das melhores provincias da poesia ingleza, e de certo um dos seus dominios mais característicos, é a variada galeria de vigarios e reitores, dentre os quaes sobresa a physionomia maliciosamente attractiva do vigario de Wakefield. Thompson, Penrose e William Cowper ligam-se estreitamente a esta familia de que Goldsmith traçou o ideal. (139)

O que faz o crítico vislumbrar malícia na personagem de Oliver Goldsmith, como seu traço de maior realce, talvez não seja evidente para muitos leitores. E também não parece Andrade Ferreira recordar William Hogarth pelo seu vezo satírico que hoje mais fortemente retemos quando escreve:

E porque será, que o lapis que esboçou tão de vez, e a traço tão firme, os prefis [*sic*] do bom lavrador, do tendeiro, do cirurgião, da criada d’este e da beata, não conseguiu a simplicidade de linhas que pedia a natureza rustica das duas aldeãs? Porque foi o auctor um verdadeiro Hogarth, quando tratou de nos compôr o quadro dos individuos característicos da vida da provincia, e depois empregou um estylo tão *repintado* e *lambido*, como se diz em pintura, quando desejou surprehender e inquerir os segredos d’aquellas creaturas femeninas? (140-141)

2. Referências a Milton em Obras de Júlio Dinis

Tivesse Andrade Ferreira querido deter-se em aspectos que não fossem meramente externos, atinentes à sorte granjeada pelo autor de *Paradise Lost* junto da crítica e dos leitores em geral, talvez viesse a notar que Júlio Dinis inscreveu nas suas obras referências ocasionais a Milton.

Assim, no romance *Uma Família Inglesa*, de 1868, o quarto de Carlos ou Charles Whitestone é decorado com bustos de Shakespeare, Byron, Scott e Milton, esta última estatueta ocultando, “sob máscara de cetim preto, a expressão de candura e sofredora tristeza do cantor dos combates dos anjos e demónios”, aquele que o narrador qualifica de “o sublime Milton”. Sobre os bustos encontram-se irreverentemente lançadas peças soltas de roupa na manhã que se segue a uma noite de folia carnavalesca. Comenta o narrador: “Dir-se-ia que estes grandes personagens da literatura inglesa, obedecendo à voz do carnaval, haviam surgido da sepultura, para virem celebrar também entre si, com as suas cabeças pálidas, a mais estranha mascarada.” (59)

Num outro trecho, Carlos confia a sua irmã Jenny, o anjo do lar, certo desencanto com a vida de relativa leviandade que tem levado:

Rara é a noite em que me não encho de tédio, em que não morro de sensaboria no meio daquele infernal tumulto, e então, se de lá me lembro de ti, do sossego dos teus serões, do silêncio das tuas noites, do teu bonito quarto cor de violeta, pergunto a mim mesmo, Jenny, porque me conservo longe dali, o que me afasta das portas desse paraíso, voluntariamente perdido por este louco, que nem merece ser teu irmão. Sinto vontade então de soltar uma lamentação como a de Eva por errar num mundo, que ao pé do teu, Jenny, é também obscuro e selvagem; por estar a respirar num ar bem menos puro. – Não é assim que diz o Milton? – E contudo **não tenho nenhum arcangélico poder a impor-me a expatriação.** (64)

Carlos alude ao lamento de Eva no Livro XI (versos 268-285) da epopeia miltoniana:

O unexpected stroke, worse than of Death!
 Must I thus leave thee, Paradise? Thus leave
 Thee, native soil, these happy walks and shades,
 Fit haunt of gods? Where I had hope to spend,
 Quiet though sad, the respite of that day
 That must be mortal to us both. O flow'rs,
 That never will in other climate grow,
 My early visitation, and my last
 At ev'n, which I bred up with tender hand
 From the first op'ning bud, and gave ye names,
 Who now shall rear ye to the sun, or rank
 Your tribes, and water from th' ambrosial fount?
 Thee lastly, nuptial bower, by me adorned
 With what to sight or smell was sweet; from thee
 How shall I part, and whither wander down
 Into a lower world, to this obscure
 And wild, how shall we breathe in other air
 Less pure, accustomed to immortal fruits?³

Confrontando os fraseados das traduções de José Amaro da Silva (1789), Francisco Bento Maria Targini (1823) e António José de Lima Leitão (1840) não extraímos prova concludente de que subjazesse ao desabafo de Carlos Whitestone qualquer dessas versões portuguesas do poema.⁴ Porém, aproximam-se um tanto do passo de Júlio Dinis as escolhas lexicais de Targini, que refere

hum Mundo tão diferente,
 E que a este comparado hé hum deserto
 Duro, rude, selvagem! Como havemos

3. Como anteriormente, seguimos a versão do texto estabelecida por Douglas Bush (Milton, *Poetical Works*, 430).

4. Compare-se, em José Amaro da Silva, vol. II, 63-64; em Targini, vol. II, 249-251; em Lima Leitão, vol. II, 433.

De viver respirando hum menos puro
 Ar denso, de agros fructos sustentados
 Quando aquí a immortaes somos afeitos? (vol. II, 250-251)

De qualquer maneira, é sabido que Júlio Dinis era fluente e lido em inglês – ainda que, infelizmente, se tenha perdido a sua biblioteca pessoal, que talvez ajudasse a esclarecer algumas questões.

Referência elogiosa ao autor de *Paradise Lost* encontra-se ainda num passo em que o narrador dinisiano de *Uma Família Inglesa* reflete acerca da relação entre a dignidade da cultura portuguesa e a de outras culturas, sendo sugerido que Camões ombreia com Tasso, Dante e Milton. (Cf. p. 107)

Já em *Serões da Província* se encontra a narrativa “Os Novelos da Tia Filomela”, na qual a descrição dos aposentos de um sacerdote inclui uma nota acerca da sua considerável biblioteca: entre outros volumes, o narrador identifica “sobre o *Paradise Lost*, o pagão do Homero; ao lado dos *Mártires*, a *Eneida*”, e assim por diante, no que se descortina certa heterodoxia do padre. (vol. I, 197)

Não julgando estar-se em presença de casos de intertextualidade extraordinariamente produtiva, cremos valer todavia a pena registar, à luz dos apontamentos precedentes, que nas reflexões sobre a sua arte que Júlio Dinis exara sob o título “Ideias que me Ocorrem”, inseridas nos mesmos *Serões da Província*, o romance de Goldsmith *The Vicar of Wakefield* é mencionado como bom modelo do género – e bom exemplo da “escola genuinamente inglesa”; (vol. II, 108) ao mesmo tempo que defende que o romance, “seguindo, com mais ou menos fidelidade, os modelos de Walter Scott, é a forma literária verdadeiramente característica dos nossos tempos.” (vol. II, 105) Estas reflexões datam de finais de 1869 e inícios de 1870.

Acresce que, num raro lance de crítica literária, Dinis escreveu para *O Nacional*, em 1861, uma recensão do livro de ensaio e testemunho de José Cardoso Vieira de Castro *Camillo Castello-Branco (Notícia da sua Vida e Obras)*.⁵ Não só cita Dinis um passo de Vieira de Castro que

5. O texto vem reproduzido na biografia de Dinis por Liberto Cruz, a pp. 255-258.

menciona Milton como – aspecto que é aqui mais importante – o livro encerra considerações desenvolvidas acerca da genialidade do poeta seiscentista, como tivemos já ocasião de apontar.⁶

3. David Mourão-Ferreira: Reservas a uma “inspiração desprendida do concreto”

Sob a direcção de Joana Morais Varela, a revista *Colóquio/Letras* realizou uma homenagem à figura de David Mourão-Ferreira consubstanciada no número duplo 145-146, timbrado de “Infinito Pessoal”, a ecoar o título de um dos mais conhecidos volumes de poesia do antigo responsável pela mesma revista. Esse número, datado de Julho a Dezembro de 1997, o ano seguinte ao da sua morte, evoca Mourão-Ferreira sob a forma de uma colectânea de estudos sobre a multifacetada obra davidiana, incluindo a sua prática ensaística e tradutiva, assim como através da revelação de alguns inéditos e de uma longa entrevista. A homenagem prolongou-se por uma opulenta sucessão de tomos da *Colóquio/Letras* que ocupou os anos de 2003 e 2004, estendendo-se entre os números 163 e 169. Neles se encontram reunidas as numerosas traduções de poesia elaboradas por Mourão-Ferreira no espaço de várias décadas, sob o título “Vozes da Poesia Europeia”, seguidas do roteiro das “Imagens da Poesia Europeia”, programas transmitidos pela RTP entre 1969 e 1974, que, como seria de supor, não deixam de interseccionar com as “Vozes”, desde logo pelas afinidades electivas que o conjunto denuncia. Para a recuperação deste material houve recurso a publicações anteriores, e bem assim a manuscritos e dactiloscritos constantes do espólio do escritor, num trabalho de pesquisa enriquecido pela indicação das fontes que terão sido utilizadas.

Afinidades electivas, dissemos. Sendo conhecidas as orientações e influências patentes na criação literária de Mourão-Ferreira, e mais ainda as vinculações do seu percurso crítico e académico, não

6. Cf. “John Milton e a Liberdade de Imprensa no Liberalismo Português”, 50-51.

surpreende que da grande massa de traduções ali compiladas ressaltem os autores da Antiguidade greco-latina e os poetas das línguas românicas, de épocas e coordenadas estéticas muito diversas. Porém, o autor não se exime a frequentar e representar poetas anglófonos, como sejam Chaucer, Donne (dir-se-ia uma inevitabilidade a sua lírica amorosa), Blake, Byron e alguns nomes do século XX, de Joyce e Eliot a Stephen Spender. Milton não traduz.

O motivo pelo qual Milton não é traduzido torna-se evidente pela leitura dos guiões das “Imagens da Poesia Europeia”. Em sequência predominantemente cronológica – mas numa lógica que não o impede de mencionar Tolstoi e Joyce a propósito de Homero –, Mourão-Ferreira faz uma recensão da criatividade poética ocidental que se estende das origens ao Romantismo (objecto este, todavia, de um reduzido número de episódios, porquanto a série não atingiu o nosso tempo, como o autor planeava). Respigando a matéria anglo-saxónica, pode assinalar-se que são dedicados episódios ao “pai” da poesia inglesa, Chaucer (episódio 66), a “Três Renascentistas Ingleses” (91 – trata-se de Thomas Wyatt, Henry Howard e Philip Sidney), a Shakespeare dramaturgo e sonetista (98-99 e 104), a Donne (112), a uma resenha “De Alexander Pope a Thomas Gray” (118) e finalmente aos poetas do Romantismo – Blake, Wordsworth, Coleridge e Byron (episódios 130, 132, 133 e um derradeiro episódio não numerado).

O episódio 111 intitula-se “Milton e o ‘Paraíso Perdido’” e abre com um pedido de desculpas (“Tem de ser. Desculpem, mas tem de ser”) por se sentir Mourão-Ferreira obrigado a tratar a obra miltoniana – seria “imperdoável” não o fazer – da qual “gost[a] muito pouco”. Aliás, o episódio seguinte, no qual versa sobre Donne, faz a ponte através da advertência inicial de que, “para os compensar e me compensar a mim também, vou falar-lhes de um poeta que muito admiro, que extremamente me fascina, que à medida que o releio me interessa cada vez mais.” (*Colóquio/Letras* 168-169 [Julho-Dezembro de 2004], 247 e 253, doravante com referência sintética no corpo do texto) A poesia inglesa de Seiscentos fica, assim, para o crítico e divulgador português, estremada entre o fascínio suscitado por um Donne (e com ele Shakespeare, nomeadamente) e a vívida antipatia

que professa por Milton, examinado para evitar o desprestígio em que recairia o autor se o omitisse.

Mostrando um retrato de Milton na juventude, Mourão-Ferreira fornece um bosquejo biográfico no qual podem entrever-se ocasionais lances de ironia respeitantes à genialidade precocemente manifestada pelo poeta (ou desse modo encarada pela família) e a forma como, no período da cegueira, impôs obediência às filhas para proveito da carreira literária, fazendo delas, “despoticamente”, suas secretárias. (248) Nem deixa o comentador de recordar a fraca benevolência demonstrada às filhas no testamento. São dados da vida que reconhece tingirem de certa repulsa espontânea a sua limitada adesão à escrita miltoniana.

A esta aponta decorrer de um “tipo de inspiração despreendida do concreto”, pois que nela escassamente se reflectem os circunstancialismos da época (muitos leitores de Milton discordariam, mas não cabe aqui fazer esse processo). E dilucida, ainda em registo opinativo:

Por uma questão de gosto pessoal, não sou capaz de apreciar muito uma poesia como a de Milton, geralmente descarnada, retórica, enfática. Mas não posso deixar de reconhecer, por outro lado, que ela tem um fôlego incomparável, um raro sentido de grandeza cósmica, uma arquitectura muito sábia para lá da sua majestade torrencial. (*Ibidem*)

Como que corroborando esta dupla faceta da obra do autor puritano, Mourão-Ferreira transcreve de seguida um comentário depreciativo de Voltaire, sobre o “bárbaro” que compôs “versos duros”, e um juízo valorativo de Edmond Schérer, que tem *Paradise Lost* em conta de “imortal” e de constituir “a própria essência da poesia.” (*Ibidem*) Estas referências, a que se juntará Paul Éluard, traem uma dependência do discurso crítico francês que também em outros momentos da recepção da obra de Milton em Portugal tem sido condicionante de interpretações e valorações.

O episódio termina com um excerto do poema – a apóstrofe de Satanás ao Sol no Livro IV –, em versão de Luís Cardim (a par de A. Herculano de Carvalho e Paulo Quintela, um dos tradutores da

predilecção de Mourão-Ferreira neste contexto),⁷ e com uma referência a cinco ilustrações de *Paradise Lost*, entretanto exibidas, da autoria de Blake, como justificativas do estatuto atribuído a Milton: “não poderemos deixar de reconhecer que Milton continuará a ser um grande poeta (...) enquanto continuar a inspirar poetas como William Blake.” (251)

Aceitando, com esta relutância, a canonicidade da obra de Milton, Mourão-Ferreira, em rigor, não mostra ter interesse em aprofundar a mundividência miltoniana. Mesmo os aspectos mais evidentes, como seja o conteúdo religioso que impregna a sua poesia, não lhe merecem qualquer comentário substantivo. Em consonância com este descaso, a abundante produção crítica repartida por volumes como *Vinte Poetas Contemporâneos*, *Motim Literário*, *Hospital das Letras*, *Tópicos de Crítica e de História Literária*, *Os Ócios do Ofício* e *Tópicos Recuperados* nunca se embrenha a ponderar o valor ou o significado da poesia de Milton.⁸

4. Irene de Albuquerque: um Caso de Mediação Italiana

Desde o *Paraiso Perdido* e o *Paraiso Restaurado* do Padre José Amaro da Silva,⁹ para os leitores sem a possibilidade de aceder à escrita de Milton no seu idioma original a língua de intermediação primeira deve ter sido o francês. Uma excepção – recente – a essa primazia encontra-se no volume dedicado a Milton na colecção “Gigantes da Literatura Universal”, da Editorial Verbo, que em 1972 adaptou da sua congénere italiana Mondadori os vinte e seis tomos da série “I

7. A “Alocução de Satan ao Sol” – extractada do volume *Horas de Fuga* – é um dos dois passos vertidos por Cardim, que dá também ao leitor “Satan Fulminado”, extraído do Livro I de *Paradise Lost*. Cf. Cardim, 42-50.

8. Não é particularmente densa uma observação feita a pretexto de um livro de Eugénio de Andrade (segundo a qual “[o] ódio, a solidão, a crueldade, têm sido desde Sófocles a Shakespeare, desde Milton a Baudelaire, a matéria de algumas das mais altas obras do espírito europeu”; (*Vinte Poetas Contemporâneos*, 142) e é tangente uma menção como aquela que se encontra num ensaio sobre António Sérgio recolhido no volume *Tópicos Recuperados* (72).

9. Sobre este tradutor, e para um fac-símile das suas versões mais tardias dos quatro maiores poemas menores do cânone miltoniano, pode ver-se o estudo de Jorge Bastos da Silva, *John Milton em Portugal*.

Giganti. La Nuova Biblioteca per Tutti”, coordenada por Enzo Orlandi e de publicação mensal (o volume da Verbo teria reedições em 1976 e 1983). A adaptação implicou a substituição de alguns autores tratados por outros – saíram Ariosto e Goldoni para entrar Gil Vicente e Camões, por exemplo –, mas Milton não foi suprimido, tendo a versão portuguesa do volume sido dirigida por Irene de Albuquerque, “que realizou a tradução da Antologia”, com colaboração de António Leitão “para a tradução dos restantes textos.” (4) Irene de Albuquerque era docente da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, onde viria a doutorar-se com uma tese em Linguística Inglesa intitulada *A Revolução Científica na Inglaterra Seiscentista e a Comunicação do Saber* e a alcançar a posição de Professora Catedrática.

O plano do livro, na sua versão portuguesa, segue muito fielmente a fonte italiana, secção a secção. Deste modo, os conteúdos surgem estruturados segundo rubricas temáticas que cobrem o contexto epocal, com a execução de Charles I à cabeça, e a vida do poeta, sendo reservado espaço, naturalmente, para uma apresentação descritiva das obras principais – sem esquecer a prosa, que entre nós tem sido muito descuidada. A rubrica antológica, porém, inclui apenas passos de *Paradise Lost*, com a particularidade de os versos originais figurarem ao lado da respectiva tradução portuguesa (o volume da Mondadori não é bilingue). Essa trintena de páginas, a duas colunas, pois oferece uma selecção de excertos da epopeia miltoniana que não coincide com os escolhidos para a edição italiana, sobretudo porque a partilha do espaço com o texto inglês exigiu a feitura de cortes adicionais. Depreende-se que Irene de Albuquerque teve prerrogativas de re-antologadora e não de simples tradutora.

Os excertos seleccionados são os seguintes (transcrevemos as epígrafes que os identificam e situam):

- Livro I, vv. 221-253 (“O Arcanjo rebelde acorda. Ergue-se do lago de fogo, toma posse do seu novo reino.”);

- Livro II, vv. 402-450, 462-466 (“O Conselho Infernal aceitou a ideia de atingir Deus através da sua última criatura, o Homem. Satanás oferece-se para a empresa.”);

- Livro II, vv. 910-920, 928-935, 1034-1055 (*"O voo cósmico de Satanás. Encontro com o Senhor do Caos. Satanás aproxima-se da Luz."*);
- Livro IV, vv. 205-268, 285-355 (*"Aos olhos espantados do tentador oferecem-se o Paraíso Terrestre e a antiga vida feliz."*);
- Livro IV, vv. 492-511 (*"Idílio conjugal de Adão e Eva; são espiados pelo anjo rebelde num tumulto raivoso de inveja."*);
- Livro V, vv. 743-812, 877-907 (*"Lúcifer fomenta a revolta entre os seus sequazes. O serafim Abdiel é o único que não os acompanha."*);
- Livro VI, vv. 584-669 (*"A guerra no Céu, contada por Rafael. Os rebeldes empregam canhões, os outros servem-se dos cumes das montanhas como projecteis."*);
- Livro IX, vv. 135-191 (*"Amargo solilóquio de Satanás que, consciente da sua degradação, hesita em entrar no corpo da serpente."*);
- Livro IX, vv. 417-438, 510-597 (*"Primeira fase da tentação: sob forma de serpente Satanás surpreende Eva sòzinha e inicia as suas hábeis intrigas."*);
- Livro IX, vv. 838-862, 886-916 (*"Agrava-se o drama dos progenitores: Adão descobre que Eva está irremediavelmente perdida e resolve perder-se com ela."*);
- Livro IX, vv. 1119-1189 (*"Trágicas consequências da Queda: pela primeira vez o homem conhece a cólera, o ódio, a suspeita. A idade feliz desapareceu para sempre."*);
- Livro X, vv. 452-517, 545-548 (*"O Inferno exulta com o relato de Satanás, mas o triunfo transforma-se em grotesca confusão de serpentes."*);
- Livro XI, vv. 246-262, 293-321, 329-376 (*"Desce do Céu o Arcanjo Miguel para impor o exílio aos culpados; primeiro, porém, Adão poderá ver o destino reservado aos homens."*);
- Livro XII, vv. 606-649 (*"O Paraíso foi perdido para sempre, mas não morreu a esperança e, de mãos dadas, Adão e Eva caminham na Terra."*). (57-88)

Na sua maior parte, os descritivos coincidem com os constantes na obra dirigida por Enzo Orlandi, não se detectando relação significativa com os "Argumentos" antepostos por Milton aos sucessivos Livros de *Paradise Lost*.

Condizem com a edição italiana o design gráfico do volume, com diferenciação das cores e da qualidade do próprio papel a

demarcar as diversas secções, e a recolha iconográfica generosa, que destaca os trabalhos de William Blake, anunciando-se, em título, “Um poeta ilustra outro poeta”. (105) Integrando a obra uma desenvolvida secção dedicada à fortuna crítica de Milton até ao século XX, Irene de Albuquerque acrescentou referência às traduções portuguesas de *Paradise Lost*, elencando os trabalhos de José Amaro da Silva, F. B. M. Targini e A. J. Lima Leitão. (Cf. p.131) Estes dados tomam o lugar que na edição da Mondadori é ocupado por uma lista de traduções italianas.

Obras Citadas

- [Albuquerque, Irene de, dir.]. *Milton*. [s.l.]: Editorial Verbo, 1972.
- Cardim, Luiz. *Horas de Fuga. Traduções de Poesias Inglesas e de Outras Línguas*. Pref. João de Barros. Porto: [s.n.], 1952.
- Colóquio/Letras*, n.º 145-146 (Julho-Dezembro de 1997).
- , n.º 163 (Janeiro-Abril de 2003) a n.º 168-169 (Julho-Dezembro de 2004).
- Cruz, Liberto. *Júlio Dinis*. Lisboa: Quetzal, 2002.
- Dinis, Júlio. *Uma Família Inglesa. Cenas da Vida do Porto*. Porto: Civilização, 1993.
- . *Serões da Província*. Prólogo do Dr. Egas Moniz. Porto: Civilização, 1974, 2 vols.
- Ferreira, José Maria de Andrade. “Joaquim Guilherme Gomes Coelho”. *Litteratura, Musica e Bellas-Artes*. Lisboa: Rolland & Semiond, 1872. I, 133-148.
- . *Paraiso Perdido, Poema Heróico de J. Milton; traduzido em vulgar pelo Padre José Amaro da Silva, presbítero vimaranense. Com o Paraiso Restaurado, poema do mesmo author; notas historicas, mythologicas, &c. de M. Racine; e as observações de M. Addison sobre o Paraiso Perdido*. Lisboa: Na Typografia Rollandiana, 1789, 2 vols.
- . *O Paraiso Perdido. Poema epico, de João Milton, traduzido em verso portuguez por Francisco Bento Maria Targini, Visconde de São Lourenço, do Concelho de Sua Magestade Fidelissima, e do da sua Real Fazenda, Commendador das Ordens Militares de Christo, e da Conceição, etc. Com as reflexoens, e notas do traductor*. Pariz: Na Typographia de Firmino Didot, 1823, 2 vols.
- . *O Paraiso Perdido. Epopeia de João Milton, vertida do original inglez para verso portuguez por Antonio José de Lima Leitão (...)*. Lisboa: Typ. de J. M. R. e Castro, 1840, 2 vols.

- . *Poetical Works*. Ed. Douglas Bush. Oxford: Oxford University Press, 1992 [1966].
- Mourão-Ferreira, David. "António Sérgio, Crítico Literário". *Tópicos Recuperados. Sobre a Crítica e Outros Ensaios*. Lisboa: Caminho, 1992. 55-75.
- . "Eugénio de Andrade". *Vinte Poetas Contemporâneos*. Lisboa: Ática, 1960. 137-145.
- [Orlandi, Enzo, dir.]. *Milton*. S.l.: Periodici Mondadori, 1968.
- Shawcross, John T. (ed.) *John Milton: The Critical Heritage*. London: Routledge, 1970, 2 vols.
- Silva, Jorge Bastos da. "John Milton e a Liberdade de Imprensa no Liberalismo Português". *Anglousofílias. Alguns Trânsitos Literários*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa / Edições Afrontamento, 2018. 41-54.
- . *John Milton em Portugal. Os Poemas Vertidos por José Amaro da Silva em 1819*. Porto: U. Porto Press, 2023.
- . "Recepção da Obra de Milton em Portugal – Algumas Achegas (I)." *Revista de Estudos Anglo-Portugueses/Journal of Anglo-Portuguese Studies*, 32 (2023): 55-71.